

## **Jornal do Brasil**

**5/10/1986**

### **Conversa pra boi dormir**

Roberto Benevides

O ministro-fazendeiro-pecuarista Paulo Brossard ama os chapéus, as leis e a propriedade privada. São amores desiguais. O amor aos chapéus é quase patológico, o amor á propriedade é absoluto e o amor às leis é relativo como a democracia pregada pelo general Geisel nos anos 70.

Se os bancários entram em greve, o ministro saca rápido a lei:

— A greve nos serviços públicos é vedada por lei e a lei deverá ser cumprida.

Se os seus colegas pecuaristas cobram ágio para desentocar os bois que engordam no campo, o ministro se defende com uma boa conversa pra boi dormir:

— Quem está cobrando ágio? Onde? Quanto? Basta uma denúncia concreta e eu ponho a polícia para agir. Mas não posso agir a partir de suspeitas.

Mas se dois trabalhadores são mortos na repressão policial a uma greve de bóias-frias em Leme, no interior de São Paulo, o ministro não se abala de Brasília para disparar:

— É o PT. Os deputados do PT estavam lá. Parece que não há dúvidas de que eles estavam armados. Os dados da polícia que eu conheço é que me autorizam a dizer isto.

É discurso que o ministro gosta de repetir com a pompa que já levou seu conterrâneo Leonel Brizola a chamá-lo de Rui Barbosa em compota. Ao advertir os bancários, Brossard também matraqueou:

— Eu pergunto se será legítimo que, aqui dentro do Brasil, uma entidade que recebe dinheiro do exterior para suas atividades, vá promover justamente a desorganização da economia, a ponto de levar á revogação do Plano Cruzado.

A vítima da zanga é a CUT, que não tem um único boi escondido nos pastos. Quando fala da UDR, o ministro amansa o tom. Numa entrevista a Folha de São Paulo, não quis responder se a atuação da entidade o preocupa:

— Não posso antecipar juízos. Eu estou observando. Para observar, também, foi que o ministro deslocou seus chapéus e suas gravatas-borboleta para o Bico do Papagaio, de onde voltou com uma certeza:

— Confirmamos aquilo que eu suspeitava. Ninguém tem arsenais, mas apenas armas necessárias até para a sobrevivência numa região como aquela.

As armas necessárias até para a sobrevivência já mataram 26 pessoas em conflitos de terra, este ano, na região — nenhum proprietário rural.

Posseiros e sem-terra rido estão entre as predileções do ministro da Justiça. Irritado com o Movimento dos Sem-Terra de seu Rio Grande do Sul, Brossard metralhou na quarta-feira:

— Amanhã poderão invadir os imóveis urbanos e aí surgirá o Movimento dos Sem-Casa. E como nem todos têm automóvel, também teríamos o Movimento dos Sem-Auto.

Ele não exibiu a mesma ironia na estréia do programa Roda Viva, da TV Cultura de São Paulo, quando a repórter Miriam Leitão quis saber quantos bois ele possui em sua fazenda em Sapé. Limitou-se a rosnar:

— Eu não imaginei que tivesse de fazer uma declaração de bens.

Mas informou o tamanho de seu latifúndio:

— 1975 hectares bem havidos e bem trabalhados.

É justo que o cidadão Paulo Brossard toque seus interesses em consonância com os de seus pares, mas é difícil convencer um consumidor de que ele é o homem certo para enquadrar juridicamente os pecuaristas e colocar a carne de volta nas mesas. É a mesma coisa que esperar a mobilização do Exército e a prisão dos grevistas num governo em que o ministro da Justiça fosse o metalúrgico Lula.

Mais preocupante, porém, é que, em sua aparição no programa Roda Viva, o ministro revelou seu desejo secreto quando o apresentador Rodolfo Gamberini lhe perguntou se ele é candidato a Presidência da República:

— Se eu dissesse que não, não estaria sendo honesto.

Candidato derrotado ao Senado em 1970, eleito em 1974 com a avalanche de votos oposicionistas que transformou em senadores figuras como Orestes Quércia, Agenor Maria e Evandro Carreira, novamente derrotado quando pretendeu reeleger-se, é mais provável que o ministro-fazendeiro-pecuarista termine sua vida pública na liderança de um daqueles movimentos que tanto detesta: o Movimento dos Sem-Voto.